INFORME FINANCEIRO MBPREV – 10/2023

CENÁRIO INTERNACIONAL:

O mês de outubro foi marcado por mais um problema geopolítico. Em termos econômicos, enquanto o conflito em Gaza não se espalhar para o território iraniano, vide o possível fechamento do estreito de Ormuz (por onde circula 20% da produção diária de petróleo), o mercado não vislumbra maiores implicações econômicas. Olhando para o os dados econômicos e de mercado, o que se observa recentemente: dados de atividade mais fracos (Europa em particular), números de inflação mais comportados nos Estados Unidos e Europa (porém ainda longe das metas) e movimentos de mercado que não parecem condizentes com os fundamentos da economia, e que no limite estão exacerbando alguns desbalanços econômicos que se tornarão insustentáveis. Por exemplo, a alta dos juros de longo prazo americanos, puxou para cima os juros das hipotecas e nunca antes na história tivemos uma discrepância tão grande na decisão do americano médio entre comprar ou alugar uma casa. O movimento de alta dos títulos americanos seguiu durante o mês, rompendo o patamar de 5% ao ano. Esse avanço impulsionou a onda de aversão ao risco no cenário global, junto com o conflito no Oriente Médio. Apesar da alta do minério, China segue sendo uma grande interrogação. A dúvida ainda persiste, até quando essa taxa de juros do Estados Unidos continuará alta, afetando o dólar e os mercados emergentes.

NO BRASIL:

O Copom voltou a reduzir a taxa Selic em 0,5%, para 12,75%, e a sinalizar que este ritmo está adequado para levar à convergência do IPCA para a meta. Para uma aceleração na velocidade dos cortes dos juros, o BC indica a necessidade de uma mudança significativa nos fundamentos para a inflação, o que não é o caso até o momento. Sobre a inflação corrente, há de fato uma evolução construtiva, inclusive com desaceleração do núcleo do IPCA um pouco mais acentuada do que o esperado. Mas os demais condicionantes, como o mercado de trabalho aquecido, sugerem que esse processo deve seguir de modo gradual, não devendo provocar uma mudança substancial da dinâmica da inflação, especialmente de serviços. Já os números de atividade recentes, como o PIB do segundo trimestre, continuaram surpreendendo para cima. Adicionalmente, o cenário fiscal brasileiro segue desafiador, exigindo atenção para os próximos passos do governo no sentido de aumentar a arrecadação, de forma que o novo arcabouço fiscal alcance um impacto mais relevante sobre a trajetória da dívida pública.

RENDA FIXA:

O mercado de juros no Brasil continuou atrelado à reprecificação das treasuries. Toda a curva de juros prefixados voltou a se elevar. Mas o movimento não foi totalmente paralelo. Tivemos uma desinclinação da curva, com os juros mais curtos subindo mais do

que os mais longos. Esse movimento indica o ceticismo do mercado com relação ao espaço que o BC terá para fazer uma política monetária mais frouxa. Com a curva de juros nos EUA por volta de 5% e uma perspectiva de manutenção da taxa básica de juros por parte do Fed nesse patamar por um período mais estendido, torna-se difícil imaginar que o BC tenha espaço para reduzir a Selic para um nível inferior a 10%. A conta é relativamente simples: com uma inflação esperada 1,5 ponto percentual acima da americana (3,5% contra 2,0%) e uma taxa de juros real de equilíbrio cerca de 3 pontos percentuais acima da americana (4% contra 1%), deveríamos ter uma taxa básica, no mínimo, de cerca de 4,5 pontos percentuais acima da taxa básica americana. Portanto, para Fed Funds no patamar de 5,5%, deveríamos ter uma Selic de 10%.

RENDA VARIÁVEL:

A bolsa brasileira, medida pelo IBrX, recuou 3,62% em outubro. De maneira geral, a bolsa trabalhou no campo negativo ao longo do mês, e fechou no seu ponto mínimo, influenciada pela declaração do presidente de pouco apreço pela meta fiscal. Os destaques negativos ficaram com os setores mais ligados ao ciclo econômico, como incorporadoras, além do setor de saúde. Por outro lado, tivemos poucos setores com performance positiva, destacando-se os setores químico, de telecomunicações e de mineração.

O que isso Impacta nas carteiras da MBPREV?

Os investimentos da carteira **conservadora** que são compostos por 100% renda fixa, obteve a rentabilidade **positiva** em outubro de 2023 de **0,95%,** contra o **CDI de 1,00'%** no mês**. No ano o conservador acumula uma alta de 10,90%.**

Já na carteira **moderada**, a rentabilidade em outubro 2023 fechou no campo **negativo, 0,03%, acumulando uma alta de 8,25% no ano.**

E por fim, carteira **arrojada** obteve uma rentabilidade **negativa** no mês de outubro de 2023 de **0,35%**, **acumulando uma alta de 7,30% no ano**.

Luciana Bassan- Diretoria Financeira – AETQ 06.11.2023

Informe baseado nas fontes SAM, TAG , Western e Valor Econômico.